

LINHAS GERAIS PARA A FORMAÇÃO DA CONGREGAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS DA SAGRADA FAMÍLIA

3.4 FORMAÇÃO CONTÍNUA

43. A Igreja pede que as Congregações organizem e realizem um adequado programa de formação permanente para todos os seus membros. Sobre a formação contínua, nossas *Constituições* dizem que é uma exigência do próprio processo de amadurecimento humano e religioso, assim como das mudanças culturais; que deve ser orientada ao desenvolvimento da pessoa, da comunidade e da missão; que deve responder aos desafios epocais, ser de boa qualidade e levar em conta as diversas dimensões; que seu *objetivo* fundamental é formar a pessoa em todas as suas dimensões e capacitá-la à participar, com os coirmãos, na tarefa missionária confiada à Congregação (cf. Const. 81; 88; 88; DG 067). A formação contínua tem um aspecto *ordinário* (leitura e escuta da Escritura; leitura e atualização diária; estudos, reflexões e partilhas na Comunidade; etc.) e um aspecto *extraordinário* (breves cursos; seminários e jornadas de estudo nas Províncias; cursos de especialização; etc.) (PI 66-67; VC 69-70).
44. Inspirados na exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consacrata n° 70*, distinguimos várias etapas no percurso concreto de uma vida consagrada. Cada etapa apresenta desafios particulares e pede uma especial atenção da formação contínua.
- a) *Os primeiros anos da plena inserção nas atividades apostólicas*
Estes se caracterizam como uma etapa crítica, marcada pela passagem de uma vida em certo sentido guiada a uma plena responsabilidade operativa. Além do estímulo ao hábito pessoal de leitura, pedimos que as Províncias promovam: semanas de estudo promovidas pela Província; encontros regulares nas Comunidades locais; cursos quinquenais; encontros fraternos para partilhar experiências e dificuldades; etc.
- b) *A fase intermediária*
Esta é uma etapa mais estável, mas pode apresentar um grande risco de cair na rotina e no hábito, com a tentação da desilusão frente aos poucos frutos do apostolado. Por isso, as Províncias devem prever: exercícios espirituais para as diversas faixas etárias; cursos de aprofundamento sobre a teologia e a espiritualidade da vida consagrada; cursos de atualização teológica e pastoral sobre nossos apostolados prioritários; etc.
- c) *A fase da idade madura*
Esta fase comporta o risco de um certo individualismo, acompanhado do medo de não estar à altura das exigências do tempo e de sinais de fechamento, rigidez ou relaxamento. Por isso, as Províncias e regiões precisam promover, entre outros: encontros e cursos de formação humana e espiritual; retiros mais profundos; Ano Sabático; seminários de atualização teológica e pastoral.
- d) *A fase da idade avançada*
Normalmente, esta etapa traz desafios e problemas novos, que podem ser enfrentados preventivamente com um cuidadoso programa de suporte humano e espiritual. Sublinhamos aqui a importância de algumas iniciativas: os cursos e programas oferecidos pelas Conferências dos Religiosos; o estímulo para que os coirmãos escrevam suas memórias; os encontros e jornadas fraternas de partilhar do percurso de vida; etc.
- e) *O momento de se unir à suprema oferta de vida do Senhor*
Nesta fase, a morte é esperada e preparada como supremo ato de amor e doação. Por isso, aqui é importante: assegurar um ambiente comunitário de acolhida, de oração e de meditação; garantir uma comunidade que valorize os coirmãos que fizeram da própria vida

um dom generoso; estimular os coirmãos a escreverem o próprio testamento espiritual, como um legado aos corimãos e à Igreja.

45. Uma parte da formação contínua pode ser desenvolvida em Centros de Formação que não estão sob a responsabilidade das Províncias, mas, neste caso, não podemos delegar a estas instituições toda a responsabilidade pela formação contínua dos nossos coirmãos. *Muitos aspectos desta formação estão intrinsecamente relacionados com os valores próprios do nosso carisma* (cf. PI 69; CII 18). Por isso, além da formação ordinária pela qual cada coirmão é o primeiro responsável, cada Província deve nomear um responsável pela formação contínua e propor, inclusive em colaboração com a região, um programa mínimo de formação contínua: retiros, jornadas mensais de retiro, encontros de estudo, seminários, cursos, anos sabáticos, encontros por faixa etária, roteiros de estudo, etc.
46. Outro aspecto significativo da formação contínua são os ***cursos de especialização***: os cursos de pós-graduação ou os cursos de graduação em áreas que não sejam a filosofia e teologia. Tais especializações podem ser uma exigência da própria missão desenvolvida pela Congregação, mas para tomar uma decisão é importante levar em conta *alguns critérios*, como: o Carisma e os ministérios prioritários da Congregação (missões, vocações e famílias); as necessidades da Província; as preferências do coirmão em questão; uma certa experiência pastoral do coirmão escolhido; a aprovação do Superior provincial e seu Conselho (cf. Const. 86; DG 065).
47. Entre as especializações mais desejáveis e necessárias está a ***formação dos formadores*** (cf. DG 070), pela qual o Conselho provincial deve ter uma atenção especial. Um bom formador não pode ser improvisado, e as Províncias devem ser responsáveis diante de Deus e diante dos vocacionados que acolhe. Por isso, os coirmãos escolhidos e preparados para serem formadores devem ser pessoas abertas, humana e espiritualmente maduras, com boa capacidade pedagógica e profundo senso de pertença à Congregação, e identificadas com a Vida Religiosa e missionária.
48. Um ícone que pode inspirar a formação permanente é a passagem na qual ***Jesus é procurado por seus familiares*** (Mc 3,20-35). Assim, como Maria e os demais familiares de Jesus, somos desafiados a repensar continuamente nossa visão e nossos interesses em relação a ele, a construir uma nova e verdadeira família baseada na Palavra de Deus e a abrimo-nos aos novos horizontes da missão. “Quem é minha mãe e meus irmãos?... Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,33.35). Somos chamados a redescobrir sempre de novo o rosto e a missão de Jesus, a abrir nossas comunidades a novos membros e novas pertenças. Nosso seguimento de Jesus passa progressivamente por Cafarnaum, pelas estradas da Galiléia rumo a Jerusalém, e se consuma aos pés da cruz, onde se constitui a nova família, semente de uma nova humanidade. Ao final deste percurso podemos proclamar verdadeiramente: “Nós encontramos o Messias!” (Jo 1,41). Mas não podemos esquecer que aquilo que chamamos maturidade não é uma espécie de planície tranquila, mas um terreno acidentado, com seus perigos, tensões e opções.

IV – MEDIAÇÕES (OU RECURSOS) PEDAGÓGICAS

49. Convictos de que em cada etapa de formação o verdadeiro formador é Deus Pai, através do Filho e do Espírito Santo, afirmamos que *cada coirmão é o primeiro responsável pela própria formação* e deve aproveitar responsabilmente as oportunidades que lhe são oferecidas (cf. Const. 83). É sobre o religioso singular que recai a responsabilidade primária de dizer ‘sim’ ao chamado de Deus que, como seu amor, é sempre novo. Além disso, em todo o percurso

formativo, *as pessoas e as relações humanas são mais importantes que os instrumentos e técnicas.*

50. Isso significa que **a nossa formação deve ser personalizada**. Trata-se de chamar vigorosamente os formandos e coirmãos à própria responsabilidade na interiorização dos valores da Vida Consagrada e da Congregação apresentados pelos programas e explicitados pelos formadores. Assim, eles poderão encontrar e desenvolver em si mesmos a motivação e no Espírito Santo o dinamismo fundamental para as decisões práticas. Nisso, a orientação espiritual, que será colocada em prática já a partir do noviciado, joga um papel muito importante. Não obstante isso, o processo formativo é fruto da *colaboração entre os formadores e seus discípulos* (cf. PI 29; 32; Const. 83).

51. **A comunidade é o ambiente mais natural** da formação para a Vida Consagrada. Uma comunidade é formadora na medida em que permite a cada um dos membros crescer na fidelidade ao Senhor segundo o nosso o carisma. Assim, tanto na formação inicial como contínua, os coirmãos têm o direito de encontrar na comunidade um clima familiar e evangélico, a simplicidade de vida e o horizonte apostólico que estimulem ao seguimento de Jesus Cristo e à consagração a ele. Em sentido mais geral, a comunidade é a própria Igreja, e a formação deve ser realizada em comunhão com ela, desenvolvendo nos coirmãos o sentido de Igreja, aspecto muito caro ao Pe. Berthier. Finalmente, é preciso encontrar um *justo equilíbrio* entre a formação em grupo e a formação personalizada, assim como entre o tempo previsto para cada etapa e a adaptação ao ritmo de cada formando (cf. Const. 87; PI 24; 27).

52. **A ação dos formadores é uma mediação essencial** da formação à vida religiosa. Mesmo que os primeiros responsáveis sejam os próprios formandos, essa responsabilidade não pode ser desenvolvida senão no horizonte do Carisma e da Espiritualidade específicas, da qual os formadores são *testemunhas* e *atores* imediatos. Aqui, a tarefa fundamental dos formadores é:

- a) Discernir especialmente na fase da formação inicial, a autenticidade do chamado à vida religiosa;
- b) Ajudar a desenvolver um bom diálogo pessoal do com Deus, identificando o caminho ao qual Deus chama;
- c) Acompanhar na estrada do Senhor, através de um diálogo direto, regular e constante;
- d) Oferecer um sólido alimento doutrinal e prático, de acordo com a respectiva etapa da formação;
- e) Avaliar o caminho percorrido e verificar se o formando apresenta as capacidades exigidas pela Igreja e pela Congregação num determinado momento (cf. PI 30).

53. Por isso, além de um bom conhecimento da doutrina católica em relação à fé e aos costumes, espera-se dos formadores:

- a) Capacidade humana de acolhida;
- b) Boa preparação cultural;
- c) Madura experiência de Deus e de oração;
- d) Sabedoria baseada na escuta da Palavra;
- e) Apreço pela liturgia e compreensão do seu papel na formação;
- f) Conhecimento e apreço pelo Carisma e pela Espiritualidade da Congregação;
- g) Disponibilidade e tempo para se dedicar com atenção a cada formando e ao grupo (cf. PI 31)

54. **Os programas de estudo também têm o seu lugar como mediação da formação.** Os estudos de filosofia e teologia, assim como as questões relacionadas à formação humana, ao nosso Carisma e à nossa Espiritualidade, à nossa história e aos nossos ministérios prioritários, estão a serviço da formação da pessoa consagrada e da realização da responsabilidade missionária da Congregação. Mas é um erro simplório dispensar a razão e pensar que para um religioso são suficientes uma teologia básica e uma grande piedade (cf. FR 48). É necessário perfazer um caminho de contínuo aprofundamento intelectual para estar condições de dialogar com os homens e mulheres de hoje e discernir o curso da história. Mas é importante também considerar que a simples aquisição de conhecimentos não é suficiente para uma boa formação.
55. **As experiências práticas são o modo mais eficaz e direto de conhecer e deixar-se modelar.** A verdadeira formação se realiza na relação dialética entre ação e reflexão. É mediante a experiência assimilamos os valores, consolidamos as atitudes, unificamos conhecimento e amor, teoria e prática. Por isso, precisamos possibilitar aos formandos um contato existencial com a realidade; favorecer a interpretação e a reflexão sobre o que é vivido; estimular a expressão e a comunicação do que é experimentado; insistir na compaixão e na ação transformadora. Em todas as dimensões e etapas da formação, queremos *oferecer e desenvolver experiências concretas* capazes de envolver os coirmãos e provocar reflexões e perguntas que levem a um aprofundamento ulterior (cf. Const. 33; 47).
56. Entre as diversas práticas, a **participação gradual e proporcional** dos formandos e coirmãos na ação de planejar a formação na respectiva etapa é muito importante. A Congregação oferece linhas gerais e a Província oferece seu Diretório para a Formação, contemplando todas as etapas. Em base a estes instrumentos, a comunidade formativa deve *adaptar o percurso e organizar um programa adequado*. E esta não pode ser uma atividade reservada aos formadores, mas deve *envolver ativamente e em graus diversos toda a comunidade formadora*. O próprio Fundador nos desafia nesta perspectiva com sua conhecida prática de confiar aos estudantes mais avançados algumas tarefas na formação dos mais jovens.
57. Mesmo que possa ser considerada apenas um aspecto do dinamismo da Comunidade, a partilha merece ser tratada como uma mediação importante da nossa pedagogia. O objetivo de fazer das nossas comunidades um lar de respeito e amor, comunidades verdadeiramente humanas que testemunhem nossa fé comum, supõe certamente **a partilha como princípio, como meio e como fim**. E aqui falamos de partilha de bens materiais (cf. Const. 16; DG 013; 024), mas também de bens culturais e espirituais: itinerários pessoais de fé e de vocação; experiências de vida; descobertas e estudos; etc. Nesta prática de partilha comunitária *todos somos, em graus e modos diversos, mestres e discípulos*.
58. Finalmente, segundo nossa tradição, **o trabalho manual é uma mediação especial da nossa prática pedagógica**. O trabalho faz parte do estilo simples de vida que desejamos assumir, e não diminui a honra de um religioso ou sacerdote, como não diminuiu grandeza de Jesus, de Maria e de José. O trabalho é uma forma de expressar a subjetividade, de crescer e de realizar-se como pessoa. É também um modo de desenvolver a responsabilidade pela comunidade e de participar da condição comum da humanidade. Assim, o trabalho manual deve ser parte do nosso programa de formação, especialmente no noviciado e no pós-noviciado (cf. Const. 14; 62/10; DG 066).

Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* (25.03.1992); PI = Instrução *Potissimum institutioni*. Diretrizes sobre a formação nos institutos religiosos (02.02.1990); VC = Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* (25.03.1996).

(Aprovado pelo Conselho Amplo da Congregação em setembro de 2011)